

Boletim Informativo da **FRELIMO**



Maputo, 11 de Fevereiro de 2014

Ano XXI. 07/GABINFO-D/2005

Edição n 431

www.frelimo.org.mz

5 páginas

O País em Marcha -de
saudação ao seu filho
mais querido



...“Mondlane, pensava assim, muito para além da sua época, isto porque até hoje, ainda se procura concretizar este pensamento, até porque a história, registou páginas de luto e dor como no caso do recente conflito entre os Hutus e Tsutis, povo irmão que pela ausência de sensibilidade sobre esta matéria, ignorando que “a Unidade sem diversidade é monotonia; que a diversidade sem Unidade é caos”. Voltando a realidade moçambicana e no que diz respeito a união dos movimentos, é de notar que esta união, não era em si bastante, aliás, representava, o início de uma nova fase, de um mesmo desafio: de tornar a união exequível de modo a que ela cumprisse o objectivo pela qual foi instituída: libertar a Terra e os Homens.”...

Editorial

A FRELIMO é o partido de coração dos moçambicanos e até daqueles que pensam que são a sua oposição. Prova disso, está na apaixonada e acesa discussão que se abriu desde que se anunciaram as pré-candidaturas à sucessão do Presidente Guebuza que cumpre o seu segundo e último mandato e seguindo o que a constituição reza e a sua palavra de honra, posta em causa, por causa de um suposto terceiro mandato.

Nesta discussão, tudo e todos se confundem, porém, o maior paradoxo, está no facto de até a Oposição querer tomar as rédeas deste processo, que como se sabe, tem donos: as massas, os operários, os camponeses, os estudantes, os homens e as mulheres deste Moçambique. Há claramente uma manobra em curso, em que se procura prejudicar a FRELIMO tentando influenciar negativamente o processo sucessório para disso colher louros nas eleições gerais deste ano: primeiro falaram das "Alas", depois da continuidade de Guebuza no poder, mais tarde dos pré-candidatos, dos Estatutos e mais assuntos. Manobras e mais manobras, deixam de resolver seus assuntos internos e canalizam suas atenções ao nosso Partido. Porquê? eis pois "como age o inimigo no seio do povo" camaradas.

Não deixa pois de ser estranho, quando pessoas da Oposição, mesmo que sob o "parcial" manto da Sociedade Civil, tentam se intrometer neste processo, como se tivessem algum interesse no sucesso desta operação. Se é verdade que o candidato da FRELIMO é o provável Presidente da República de Moçambique e logo, capaz de mexer com a sensibilidade de todos, não deixa de ser verdade, que o projecto da sua escolha pertence numa primeira fase à FRELIMO e somente a ela e seus simpatizantes, não fazendo sentido que pessoas estranhas e sobretudo aversas ao nosso Partido queiram escolher por nós ou então, influenciar as nossas escolhas, como se lhes preocupasse uma FRELIMO forte, unida e coesa.

Mas podemos dar o benéfico de dúvida a estas pessoas, no sentido de acreditarmos que lhes interessa uma FRELIMO forte e coesa. Contudo, não devem ignorar as mesmas pessoas, que por mais legítima que seja a sua preocupação, nunca vai, e nem deve, superar a dos membros e simpatizantes da FRELIMO.

A FRELIMO é soberana, sempre o foi, ela respeita todas as opiniões mas as mesmas, não podem nunca ter a pretensão de a substituir das suas atribuições e competências como órgão e por mais certa que seja a opinião destas pessoas, ela não vincula, isto é, não tem qualquer sentido de obrigatoriedade.

Sabemos que custa, mas neste momento devemos deixar a FRELIMO a liberdade de escolher em consciência, livre de qualquer coacção ou tentativa de manipulação, até porque sabemos que muitos que se pronunciam, fazem-no na tentativa de criar intrigas no seio do nosso Partido e logo, um terreno fértil para dividir no sentido de melhor reinar. Deixemos que os militantes da FRELIMO decidam sobre os assuntos da FRELIMO.

Não nos esqueçamos camaradas "como age o inimigo no seio do povo!"
Unidade, Trabalho, Vigilância

A luta Continua!!!

O diálogo Vs Unidade Nacional

O debate esteve sempre no processo de surgimento e vida da FRELIMO. a sua pertinência e a profundidade com que era e é abraçado sempre orientaram os militantes deste Partido cinquentenário. Podemos, se quisermos, dizer que a Frelimo nasceu do centro nevrálgico do debate. Aliás, a concretização da união dos três partidos numa única FRENTE foi, na verdade, fruto de um debate aberto, honesto, duro, mas sincero e comprometido com uma causa maior: a necessidade de devolver a terra aos seus legítimos donos. Cada movimento tinha a sua visão e lideranças, tinha os seus valores e missões. Ou seja, os ingredientes essenciais para adiar consensos e perpetuar diferenças. Portanto, não fosse o debate profícuo a Frelimo não teria sido forjada. A figura emblemática do Doutor Eduardo Chivambo Mondlane foi determinante neste aspecto e mostrou, que Chivambo, já tinha feito um cuidado levantamento da nossa realidade como um Povo (que se pode em parte reflectir no Livro Lutar por Moçambique), e do papel do diálogo em todo este processo.

Unidade Nacional

Ao identificar a Unidade Nacional como princípio cimeiro e orientador de todo um sonho, ora tornado em realidade em 1962, Eduardo Mondlane, semejava a frondosa árvore de onde brotam os frutos que reforçam a nossa moçambicanidade, como também, fazia uma leitura com um capital prático determinante na construção da Nação.

Foi determinante o diálogo para aproximar os três movimentos, uma aproximação que os deveria colocar todos em pé de igualdade, inculcando em todos, a ideia concreta do sonho que se pretendia tornar realidade e de como seria difícil concretizar este desiderato, sem a coesão e um pensamento predominantemente comum.

Unidade na Diversidade

Eduardo Mondlane, colocou arte no seu pensamento, quando constatou e defendeu que éramos diferentes, que cada um tinha a sua própria forma

de ser, as suas danças, os seus cantos, saber espontâneo, os seus próprios rituais de nascimento e de morte, de educar os filhos no contexto de uma comunidade, de resolver os problemas, de eleger os nossos dirigentes, de evocação de espíritos e manifestação da nossa religiosidade, mas venceu, de forma magistral, que deveriam ser as nossas diferenças o verdadeiro factor de Unidade. Ou seja, o que nos diferenciava é o que nos deveria tornar mais fortes como um Povo, com um projecto comum de Nação.

Mondlane, pensava assim, muito para além da sua época, isto porque até hoje, ainda se procura concretizar este pensamento, até porque a história, registou páginas de luto e dor como no caso do recente conflito entre os Hutus e Tsutis, povo irmão que pela ausência de sensibilidade sobre esta matéria, ignorando que "a Unidade sem diversidade é monotonia; que a diversidade sem Unidade é caos". Voltando a realidade moçambicana e no que diz respeito a união dos movimentos, é de notar que esta união, não era em si bastante, aliás, representava, o início de uma nova fase, de um mesmo desafio: de tornar a união exequível de modo a que ela cumprisse o objectivo pela qual foi instituída: libertar a Terra e os Homens.

Se o pré-requisito para a aproximação dos movimentos foi o diálogo, se foi também este o responsável para a consolidação da ideia da Unidade na Diversidade, deveria, também, ser importante para a nova fase que se iniciava: de traduzir a utopia em acções concretas, acto, que não seria possível se mais uma vez o diálogo não concedesse a liberdade dos membros opinarem livremente, num espírito de tolerância e abertura.

Nesta nova fase certamente que houve desafios que fizeram com que alguns cépticos achassem que não tinham tomado a melhor decisão em tornar-se numa única FRENTE, num único Partido; houve outros que no meio desistiram do projecto e, além disso, passaram a constituir problema na medida em que não só desistiram como não queriam deixar que os outros avançassem, mas houve, sobretudo, pessoas cujos actos ensinavam todos os dias como era importante a Unidade na prossecução do sonho dos moçambicanos, e foi esta

crença que nos tornou o país que estamos hoje a revelarmo-nos.

Era de facto, necessário uma liderança forte e capaz de restituir confiança e orgulho ao Povo, numa sociedade onde dominava a exploração, onde nenhum moçambicano poderia exercer a sua liberdade, onde podíamos ser tudo menos cidadãos plenos em nossa própria terra.

A crítica-Unidade-crítica, tinha como fim, apurar constantemente as falhas e corrigi-las, dando primazia ao ideal do grupo, ao interesse comum e prevalente, a corrigir os rumos, discutindo-se a ideia e salvaguardando sempre que no final da discussão os membros, mesmo que tenham divergido na discussão, irão respeitar as decisões do Partido, aliás, nisso consiste a nossa rigorosa disciplina partidária.

Fica assim clara a ideia de que o diálogo não é novo na FRELIMO, ele, existe desde que a FRELIMO o é, aliás, mesmo a insurreição geral e armada do Povo moçambicano só foi proclamada, depois de gordas todas as tentativas para declaração pacífica da independência total e completa de Moçambique reivindicada ao Governo Português por via do diálogo e o 7 de Setembro, dia da Vitória, é mais uma prova da face dialogante da FRELIMO que se mostrou sempre a aberta a sentar-se a mesa do diálogo para resolver os grandes desafios da Nação. É, portanto, maior de idade o diálogo no seio da FRELIMO, uma maioria, que nos deve orgulhar pela experiência e nunca pela caducidade isto porque, se foi o diálogo que permitiu que uma das maiores conquistas do Povo moçambicano vingasse: a Unidade Nacional, a independência Nacional e no alcance da Paz, fica de novo claro que será o mesmo diálogo que deve vingar no combate contra a pobreza e em qualquer desafio presente. Devemos pois, segurar por duas mãos esta nossa faceta dialogante e garantir sempre que ele seja construtiva, respeitador da disciplina partidária e sempre fiel aos princípios, valores e missão da FRELIMO.

O Pais em Marcha -de saudação ao seu filho mais querido



Soberania, é o que nos ocorre dizer quando lembramos o ambiente que ontem pairava na praça dos heróis em Maputo, celebrando os heróis moçambicanos e assinalando o 45º aniversário da morte do Arquitecto da Unidade Nacional, Eduardo Chivambo Mondlane.

Um ambiente que de certa forma lembrava os primeiros anos da nossa independência, pessoas alegres, conscientes, seguras, confiantes no estado e soberanas acudiram ao local para celebrar a nossa gesta epopeica, a nossa história comum e homenagear os heróis e celebrar os vivos. Três momentos descrevem essa soberania:

O primeiro: com o desfile das FDS, diferentes unidades e especialidades marcharam ufanas, pujantes, disciplinadas e orgulhosas celebrando a unidade nacional e a paz, marchando sem armas, mas transmitindo a confiança da sua nobre e heróica tarefa os aviões completaram esta parte;

O segundo: com a condecoração de moçambicanos de todos os quadrantes políticos e níveis pelo seu contributo abnegado pela paz, desenvolvimento e Unidade nacionais. Os fazedores da paz, os defensores daquela, os libertadores, os professores, músicos, investigadores, escritores e jornalistas, filhos do povo e de gente simples, hoje "grandes gentes" foram lembrados e registados na história do país e das suas gentes...

O terceiro: o discurso do Presidente da República que enalteceu a data e as figuras que o acompanham, o mesmo Chefe de Estado que anunciou que aquela cerimónia(condecorações) marcava o ponto de partida de um evento que anualmente vai celebrar os seus melhores filhos, aliás, segundo o Decreto que institui esta nobre prática, podemos ser nós, elementos do Povo, a propor e com a devida fundamentação que esta ou aquela figura seja merecedora do tão distinto louvor.

Ambos momentos fomos nós, moçambicanos de diferentes credos, raças e sensibilidades políticas juntos a olhar para o futuro com confiança e sem medo de nada seguros de que a paz se faz com sacrifícios e nada se consegue sem eles.

Uma estranha sensação de emoções tomou conta da maioria nesta cerimónia, pudemos testemunhar lágrimas nos rostos de homens e mulheres na ocasião em que os escolhidos recebiam suas distinções e no final, procuramos saber de alguns o que estava a acontecer e a resposta foi sempre a mesma: emoção e orgulho de pertencer a uma pátria de heróis, de nobres homens e causas, de hornados cidadãos que dia-a-dia lutam por um Moçambique melhor.

Avante



fakebook®

O que eles disseram no facebook

“Há duas notícias que merecem ficar na mente dos amantes da paz, neste momento conturbado: a) o presidente deseja ver a Renamo nas próximas eleições; b) o recenseamento eleitoral foi adiado para acomodar a Renamo. Gostaria de apelar aos Jornais que servem para vender o sofrimento para que não vejam fraqueza do Governo ou vitória da Renamo nestes gestos. Boca calada não entra mosca, e a paz vale mais do que negócio de Jornais”. –Eusébio Gwembe

“Definitivamente o país de hoje não é o de ontem. O principal argumento que se vive por agora é o político. Toda a gente tem uma opinião, posicionamento ou preferência política. Outros nem é por perceberem, mas sim é porque a nossa sociedade se guia pela política, e quem não entra (com as armas que tem), fica fora do jogo. Daí que temos opiniões calcadas de debates que são tomadas como verdades (os debates mais-mais são políticos), e daí que a esfera do debate fica cheia de fumo, e não se vislumbra quem tem conhecimento e quem somente é tuita. Assim, as conclusões são aos magotes, e cheias de incongruências, completamente viradas a uma espécie de anarquia e de má educação social, onde a patologia é levada no colo da virtude. Os sábios, esses esfregam as mãos de contentes, e riscam mais uma tarefa cumprida na estupidificação da sociedade. Como diria um broda: Ga famba gona, hi leguiya pato ga duna”.-Américo Matavele

“Eu sei o quanto custa para alguns reconhecer as ações positivas do Governo moçambicano, pior para aqueles que fazem carreira insultando o mesmo Governo. Este post, pretende ser uma ajudinha para si, sim, você que nega tudo, que se recusa a ver até quando a verdade está escancarada. Não adianta arranjar subterfúgios porque a cerimónia de ontem foi magnífica, em todos os sentidos e você sabe, só tem vergonha de reconhecer. É verdade que alguns dos que gostarias que fossem distinguidos na cerimónia inaugural não estavam, mas isso, não pode retirar e nem desautorizar os que mereceram desta vez.

Ontem, pude sentir uma certa mística e magia no ar, o orgulho de pertencer a este país e alegria de ver reconhecido, a tenacidade de homens de honra que ousaram e ousam acreditar num Moçambique próspero, homens, que até a vida sacrificaram para o nosso bem estar.

Se não fossem as minhas dores de vista diria que chorei quando vi o Eduardo Mondlane a receber a distinção que cabia ao pai, não tivesse a morte o levado sem saborear a concretização do seu sonho, da sua luta, do seu alto sentido de altruísmo e caíram-me estas lágrimas por pensar que se aquele dia foi antes de dor e pesar para o Eduardo e família, ontem, resgatamo-lo como um dia de alegria, de júbilo, ontem, oferecemos aos familiares dos que pereceram no fogo libertador e dos que lutam por um Moçambique melhor, um ombro amigo.

Curvo-me aos heróis desta pátria e, você amigo, que não conseguiu ver nada do que ontem foi feito, guarde ao menos silêncio, que esse, será eloquente.

Um dia a não esquecer ontem, juroxikwembu”